

## LITERATURA, HISTÓRIA E LEITOR

*Valdir Prigol\**

As correntes que têm pensado os objetos de análise a partir das relações entre Literatura e História têm andado por muitas direções. A mais produtiva parece ser aquela que parte do pressuposto de que o externo, a história, vira interno, isto é, que a história participa de uma obra literária transformada em elemento estético. No Brasil, é Antonio Candido quem primeiro tira proveito, e de forma exemplar, desta formulação em ensaio de 1970 "A Dialética da Malandragem" onde analisa a presença dialética do par ordem/desordem no "Memórias de um sargento de milícias" (1852-3) de Manuel Antonio de Almeida. Indo além das leituras anteriores e usando-as

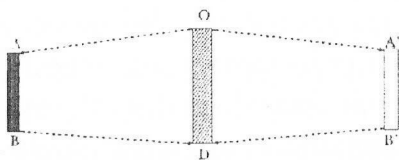
---

\* Doutorando em Teoria Literária pela UFSC.

(Mario de Andrade, Walnice Noqueira Galvão, José Veríssimo), mostra o anti-elitismo do romance ao colocar em cena uma classe social marginal e dependente no século passado, e até então fora da representação literária, isto é "os homens livres". Utilizando-se de elementos do mundo férico e de imagens de funcionamento da sociedade, Manuel Antonio de Almeida mostra como estes personagens deslizam constantemente da ordem para a desordem e vice-versa, evitando o maniqueísmo de condutas que estariam ou em uma ou em outra, como nos romances do mesmo período de Alencar e Macedo, entre outros. A leitura de Antonio Candido procura perceber com detalhes estes deslizamentos, chegando a um ponto muito interessante quando mostra que na cena em que as três mulheres procuram o Major Vidigal, este, atendendo-as de farda militar da barriga para cima e de pijama e tamancas da cintura para baixo, carregava em seu corpo a dialética da ordem e da desordem presente no romance:

*(...) O major recebeu-as de rodoque de chita e tamancos, não tendo a princípio suposto o quilate da visita; apenas porém reconheceu as três, correu apressado à camarinha vizinha e envergou o mais depressa que pôde a farda; como o tempo urgia, e era uma incivilidade deixar sós as senhoras, não completou o uniforme, e voltou de novo à sala de farda, calças de enfiar, tamancos e um lenço de Alcobaça sobre o ombro, segundo seu uso (ALMEIDA, 1997, p. 204-205).*

Para chegar a esta análise, Antonio Candido formula, no ensaio, um modo de funcionamento da literatura, explícito em um esquema que ele apresenta:



Nesta perspectiva, que abre a possibilidade para a análise que ele executa, o real (A, B) presidido pela ordem/desordem, entra para a obra transformado como elemento estético (A', B'). De certa forma, há uma correspondência de "similaridades alteradas" entre os elementos, onde A vira A' e não, quem sabe, B', ou C', aleatoriamente. Levando a sério a formulação de Candido, poderíamos partir do A' percebido na leitura de uma obra e chegar ao A, aqui de certa forma como o lugar da verdade. E isto é um problema. Será que é possível perceber em uma correspondência deste nível? Mas Candido vai além e diz que:

*O meu propósito é fazer uma crítica integradora, capaz de mostrar (não apenas enunciar teoricamente, como é hábito) de que a maneira a narrativa se constitui a partir de materiais não literários, manipulados a fim de se tonarem aspectos de uma organização estética regida pelas suas próprias leis, não as da natureza, da sociedade ou do ser (CANDIDO, 1993, p. 9).*

A discussão desta forma de pensar a história e a literatura é explicitada metodologicamente por Antonio Candido em *Literatura e Sociedade*, em especial no primeiro capítulo. Antes de formular o que pode ser considerado o seu grande "achado", ele faz um trabalho de limpeza do campo, mostrando pelo menos seis possibilidades de trabalhar com estas duas disciplinas, mas todas elas descambando para a sociologia da literatura, sem conseguirem dar conta das obras: relacionar obras com as condições sociais, obras como espelho do real, a reação do público diante de obras, função social do escritor, função política das obras e dos autores e estudo das origens (Candido, 1976).

Para dar o salto e fazer "simplesmente" crítica, Antonio Candido diz que precisamos partir da leitura atenta e minuciosa da obra e, a partir da observação do que ela está explicitando ou silenciando, para analisarmos como o externo foi "metamorfoseado" esteticamente em elemento interno da fatura. Além do citado, *Dialética da Malandragem* e o ensaio *De cortiço a cortiço* parecem constituírem-se nos dois melhores textos em que Candido consegue fazer isso com perfeição.

Se pensarmos o trabalho de Candido, a partir de três eixos: a) metodológico, b) ensaístico e c) histórico, percebemos que todos, principalmente a partir de *Literatura e Sociedade*, são trabalhados a partir desta perspectiva dialética ou como

ele mesmo diz do "sentimento dos contrários". É a partir deste trabalho de Candido, como pesquisador e professor, que um certo ramo da crítica brasileira tem atuado na perspectiva de entender a literatura como um objeto autônomo, mas ao mesmo tempo marcado pela história, como nos trabalhos de Roberto Schwarz, Nicolau Sevcenko e Luiz Costa Lima entre outros.

Roberto Schwarz, desde "Ao vencedor, as batatas" (1977) e, principalmente, em sua longa análise (mais de 20 anos) de Machado de Assis, constrói-se como um crítico que procura tirar o maior proveito da análise dialética trabalhada por Candido. O par ordem/desordem é substituído por Schwarz em suas análises de Machado pelo par liberalismo/escravidão, onde o narrador volúvel apresenta-se como a marca do século XIX e dos romances de Machado: "As idéias fora do lugar", a convivência arbitrária em uma mesma sociedade da escravidão e do liberalismo inglês presente na Constituição Brasileira (1824). Para o que nos interessa, o esquema de Candido é mantido intacto, sem alterações, já que continuamos a identificar o A que foi transformado em A'.

Nicolau Sevcenko (1988?), também pensando seus objetos a partir do eixo Literatura e História, principalmente em "A capital irradiante" e "A Literatura como missão". A "Conclusão" deste nos interessa particularmen-

te porque é onde ele, procurando mostrar como cada época tem seu conceito de Literatura e, conseqüentemente, o caráter histórico do estético, analisa como dois textos, um trecho de "O guarani" (1857) de Alencar e uma crônica de Vicente de Carvalho de (1916), vão pensar o mesmo objeto, a natureza do país de forma diferente. A síntese da análise é o fato do externo virar interno, mas agora, em algumas marcas e indo em frente, a partir do "New criticism", a literatura podendo ser lida como História e esta como Literatura. De certa forma, isto faz com que o esquema de Candido seja colocado em suspenso, entre parênteses: entendendo os dois, História e Literatura, como práticas discursivas. Já não há um pólo da verdade, do real e outro da ficção. Um está contaminado pelo outro.

O esquema de Candido, que é também uma teoria da Mimesis, aponta, como vimos, para "Correspondências". Mas elas parecem não estarem onde procuramos. Por isso, a suspeita de Sevensenko nos encaminha para uma leitura que articule as diferenças, entre um campo e outro. E aí teríamos, conforme Luiz Costa Lima, uma outra percepção das relações entre Literatura e história:

*O real assim não é nem o que se põe diante de mim e exige uma linguagem que o torne transparente, nem tampouco o que se embaralha em uma cadeia deslizante de significantes,*

*i. e., de promessas de sentido, sempre autodestruídas. O real é isso e aqui; algo que está aí e algo que se constrói. Por isso, a mimesis não é uma adequação – uma imitatio – mas um processo que, independente do real, contudo contrai, absorve, deforma as formas como o real historicamente aparece para o autor e o leitor. A representação-efeito, desdobra pela leitura, leva pois em conta não só como se lê mas as fraturas que constituem aquele que lê. Dito mais precisamente: o sujeito fraturado e a classificação social da sociedade e do grupo a que pertence. Assim, o desvio que pratico rompe com a idéia de um texto encerrado em si mesmo, tendo por pólos antagônicos o sentido organizado pela ordem do significado e a abertura interminável da ordem do significante, para, por meio dos conceitos de sujeito fraturado, de representação-efeito, da revisão da mimesis como impulso independente mas contaminado pelo real sociohistoricamente concebido, criar parâmetros de relativa objetividade, cuja qualidade dependerá do próprio exercício crítico (2000, p. 398-9).*

“Movimento independente mas contaminado pelo real” nos leva a pensar a literatura como uma metamorfose que pode operar desde o “controle do imaginário” (Costa Lima) a partir de uma “musa domesticada” (Idem) ou uma implosão deste controle, ou ambas ao mesmo tempo. E aqui o esquema de Candido, sofre, não uma suspensão como em Sevecenko, mas uma rasura, já que a obra, contaminado pelo real, responderá a esse mas também a outras demandas. Isto porque, segundo Costa Lima,

*A indagação da linguagem é insuficiente se não considera seu laço umbilical com a realidade. Não porque a reflita,*



*conforme o constante legado platônico, senão porque tampouco se define como um sistema autotélico e auto-referencial de diferenças (Op cit., 2000, p. 400).*

Por isso, quando se fala em literatura e história é possível não mais partir de uma obra e buscar o seu equivalente na história, mas sim, pensar que alguns textos, pela forma como são constituídos, podem “tornar visível” um real que não conhecemos. Porque com esta definição de Mímesis é o leitor que, a partir de sua trajetória de leituras e de seus interesses, fará a operação de tornar visível o real, talvez um que ele não conheça. E não é isso que faz com que tenhamos sempre “outras” leituras de um mesmo texto?

E nisto está o pressuposto de Bhabha, quando fala que a crítica, no seu fazer, está fazendo e desfazendo histórias de leituras e a própria história:

*(...) Este é um sinal de que a história está acontecendo no interior das páginas da teoria, no interior dos sistemas e estruturas que construímos para figurar a passagem do histórico (Op.Cit., 1998, p.51).*

## Referências Bibliográficas

- BAUMANN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Minas Gerais: Editora da UFMG, 1998.
- BRECHT, Bertold. *Ascensão e queda da cidade de Mahagonny*. São Paulo: Paz e Terra, 1988.



- CANDIDO, Antonio. *Dialética da Malandragem*. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1976.
- COSTA LIMA, Luiz. *Mímesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.
- SEVENCKO, Nicolau. *Literatura como missão*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A capital irradiante*. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.